

5 Conclusão

Estudar aspectos da cultura e do cotidiano dos escravos requer confrontarmos tipologias construídas sobre a existência cativa, pois foi o olhar “do outro” que interpretou a existência do negro escravo, africano e crioulo, foi o “olhar branco” que conceituou a vida de escravos africanos e seus descendentes. As fontes documentais sobre escravidão no Brasil são essencialmente de quem observava o escravo e não de quem era escravo. Portanto investigar de formas e hábitos de vestuário dos escravos do Rio de Janeiro do século XIX implica lidarmos com interpretações provenientes de “representações do outro”, alheias à compreensão dos próprios escravos sobre suas roupas.

Ainda há muito a ser estudado sobre a escravidão brasileira no que diz respeito à investigação de aspectos da cultura material dos escravos. Possivelmente, jamais chegaremos a conhecer práticas criadas pelos escravos, muitas não reveladas em registros textuais e imagéticos, seja pela incompreensão, pelo desconhecimento ou pela omissão de seus autores. Nesse universo de atuação investigativa são raras as pesquisas mais meticolosas dedicadas ao estudo específico do vestuário escravo no período oitocentista, e nas breves incursões existentes prevalece o tratamento da roupa no âmbito da distinção étnica e/ou social. Nas minhas pesquisas bibliográficas pude observar a prevalência de abordagens que colocam essa questão como principal referência, reforçando um imaginário construído sobre a visualidade da escravidão brasileira que associa a roupa na existência cativa a uma classificação dicotômica: escravo e negro africano.

Nessa perspectiva de compreensão é recorrente a referência tanto à carência geral do vestuário dos escravos - marcada por condições precárias e restritas de formas de vestir - como também a costumes e crenças africanos específicos. Igualar

os indivíduos através da implantação de formas de vestuário, a nudez, a semi-nudez e certos tipos de roupa ou formas de ornamentação do corpo vieram a ser um meio estereotipo de visualizar negros africanos escravizados ou não. Desta maneira, a prevalência de aspectos singulares criou, do particular para o todo, uma generalização estereotipada e restrita sobre as roupas usadas pelos escravos do Rio de Janeiro oitocentista.

Esta questão está relacionada ao uso primordial de relatos de viagem como fonte documental, com a apropriação, circulação e difusão de imagens e textos de viajantes. Na produção historiográfica sobre a escravidão brasileira, o vestuário usado pelos escravos é apresentado, de forma hegemônica, sob a ótica de viajantes estrangeiros do século XIX, cuja estética do exótico, predominante, compreende a exacerbação de aspectos eleitos para representar o exotismo e o inusitado da “cidade negra” que “saltava aos olhos” e que, portanto, interessava enquanto registro da viagem realizada. Nesse sentido não caberia registrar “normalidade” ou “semelhança” das roupas usadas pelos escravos da cidade - como inusitadamente registrou o já mencionado viajante Hermann Burmeister - mas sim a musselina branca e as rendas, os turbantes, os panos-da-costa e os xales, a semi-nudez, os trapos e os andrajos. Não que estes elementos não fizessem parte da visualidade da existência cativa da cidade, mas o uso prevalente pela historiografia de textos e imagens baseados nessa dicotomia – *rendas e andrajos* - proveu a criação de tipologias que limitam o cativo a determinadas características incompatíveis com o contexto sociocultural do Rio de Janeiro nos Oitocentos.

Não se trata de questionar o uso e o valor documental das narrativas de viagem em investigações sobre aspectos da existência cativa, mas requalificá-las enquanto registros realizados por observadores “de fora”, originários de outros contextos e dotados de outros mecanismos culturais, cujo desconhecimento e distanciamento do contexto social local norteiam o trato de determinadas questões. Há de se ter em vista que as observações dos viajantes são permeadas de interpretações e avaliações afetivo-cognitivas a partir das quais se instauram processos de observação com os quais eram interpretados, organizados e construídos o “novo” e o “outro” observado.

Ao me propor investigar formas de vestir de escravos do Rio de Janeiro oitocentista indicando novas perspectivas para pensar outros modos da visualidade dos cativos da cidade, busquei ampliar o alcance da produção de conhecimento sobre o tema na expectativa de “dar voz” aqueles que, embora e desprovidos de liberdade, encontrariam espaço e oportunidade para, individual e coletivamente, se manifestarem. Essa busca foi norteada pelo entendimento da capacidade e iniciativa inerente aos seres humanos de reação e adaptação, encarnada em gestos, espaços e hábitos, que inclui a apreensão e o manejo de bens simbólicos e objetos. Portanto, a depender de condições e possibilidades existentes, existiriam escravos que, apesar da sujeição ao poder branco senhorial, conseguiriam aproveitar oportunidades exercendo algum tipo de escolha no ato de vestir-se, com a apropriação de materiais e códigos partilhados em busca de novas distinções sociais e culturais que perpassassem relações de submissão, exploração e dominação.

O caminho trilhado foi passar do nível das representações sobre o vestuário escravo à competência das práticas de vestir dos próprios cativos. O desenvolvimento investigativo foi pautado pela compreensão de que representações são reconstruções que alteram voluntária ou involuntariamente práticas observadas, e práticas, por sua vez, são os meios objetivos de ação pelo qual um determinado grupo/indivíduo exibe uma maneira própria de estar no mundo e as formas pelas quais marca, singulariza e legitima a sua existência.

Ao relacionar representações e práticas, busquei articular categorias através das quais diferentes observadores elaboram e expressam pensamentos, juízos, julgamentos e formas pelas quais indivíduos e grupos são percebidos. Este processo articulatório foi norteado pelo entendimento de que as representações tanto definem o que é real para um determinado grupo/indivíduo, quanto servem de elementos delimitadores para compreensão da realidade social observada.

Em minhas pesquisas de exploração documental me deparei com um significativo material de textos e imagens que apresentavam informações sobre formas de vestir dos escravos da cidade no século XIX. Diante de um corpus documental apresentando o vestuário escravo em diferentes graus de aproximação variando entre a alusão e a descrição, o implícito e explicitamente registrado, quais

seriam as fontes textuais e imagéticas que poderiam me dar um retorno o mais significativo possível tendo em vista a proposta de investigação lançada?

Considerando que em História a documentação é sempre passível de abordagens diferentes, optei pela investigação de narrativas e registros de viagem na expectativa de reavaliar estereótipos estabelecidos sobre a visualidade escrava. Em meio ao variado material textual e imagético sobre roupas de escravos identificado nos relatos de viagem, considero que os dois conjuntos trabalhados - desenhos e litografias de Jean Baptiste Debret, e textos e gravuras das narrativas de viagem do casal Jean Louis e Elizabeth Agassiz - ampliaram de forma significativa o alcance do exercício investigativo realizado. Duas questões sobressaíram no escopo das escolhas documentais, efetuadas na expectativa de estabelecer uso mais efetivo de representações textuais e imagéticas dos relatos de viagem. A primeira foi a reavaliação e ampliação do potencial de fontes de informação recorrentes em abordagens sobre o tema em questão, a segunda foi relacionar representação imagem e representação texto em um mesmo relato.

Ao estudo sistemático de imagens como referências iconográficas recorrentes e exemplares acerca da visualidade da escravidão, somei a dimensão representativa que inicialmente motivou a jornada investigativa ora concluída, os retratos fotográficos de Christiano Júnior sobre o escravo e a escravidão do Rio oitocentista.

No trabalho com a documentação fotográfica identifiquei mediações entre prática e representação, com elos intermediários que compõem uma cadeia de ações, composta entre o estímulo inicial - as práticas observadas - e a resposta final - a representação construída no discurso fotográfico, no qual estão participando fotografado e fotógrafo. Tendo em vista o caráter explícito que a verossimilhança concede à visualidade registrada, nos retratos de escravos de Christiano Júnior são fornecidas informações visuais das roupas com detalhes de formas e materiais - tipos tecidos, de peças e acessórios, assim como formas de uso e estado de conservação.

Dando mais um passo em busca do reconhecimento de práticas de vestuário dos escravos encontrei nos anúncios de fugas detalhes excepcionais sobre formas de vestir dos escravos fugidos, cuja objetividade descritiva fornece uma série de informações de caráter empírico das peças de roupa usadas e/ou levadas pelos

escravos que ampliam a compreensão em relação ao uso das roupas. O trabalho com os anúncios de fugas adicionou particularidades que completam brechas, *entre as rendas e os andrajos*, no fragmentado conhecimento da visualidade individual e coletiva dos cativos da cidade do Rio de Janeiro.

As questões tratadas neste trabalho, que não teve a pretensão de encontrar todas as respostas, foram apenas algumas com as quais me defrontei ao me dedicar ao estudo de formas e hábitos de vestir dos escravos do Rio oitocentista. Ao investigar, avaliar e analisar representações construídas sobre escravos e escravidão me vi como intérprete de textos e imagens, identificando e tratando mediações técnicas, estéticas e culturais. O trabalho com a aproximação e o cotejo de conteúdos das diferentes fontes trabalhadas se por um lado ampliou a apreensão de hábitos e formas de vestir dos escravos em textos e imagens acerca da presença escrava no cotidiano da escravidão, por outro reavivou aspectos significativos relacionados à visualidade da escravidão, redimensionando a participação da roupa na existência cativa.